



Budismo: Da Índia para Mundo. O Buddha, o Dharma e a Sangha

Buddhism: From India toward the World. The Buddha, the Dharma and the Sangha

*Deyve Redyson**

Resumo: Este trabalho tem como principal objeto demonstrar o que é o Budismo que nasceu na Índia e quais são suas três joias fundamentais - o Buddha, o Dharma e a Sangha - que constituíram os elementos da natureza do Budismo como as Quatro Nobres Verdades e o Nobre Caminho Ócuplo para a lucidez. A vida do Buddha, a doutrina do Buddha e, finalmente, a comunidade formada após o *Parinirvana* do Buddha. A perspectiva que adotamos visa, também, perceber a instituição do Budismo para além da Índia, a forma como chegou à China, Japão e Tibete, propagando, assim, as três joias e os fundamentos da Roda do Dharma.

Palavras-chave: Buddha; Dharma; Sangha; Budismo indiano; Budismo no mundo

Abstract: The article reflects upon the origin of Buddhism in India, its three fundamental principles, i.e., the Buddha, the Dharma and the Sangha as well as basic teachings such as the Four Noble Truths and the Eightfold path to illumination. Furthermore, the article sheds a light on the narratives about the life of the Buddha, the Buddhists doctrines and the community, which all emerged only after the Parinirvana of the Buddha. Finally, the reader finds an overview of the establishment of Buddhism beyond India, and its evolution in China, Japan and Tibet.

Keywords: Buddha; Dharma; Sangha; Indian Buddhism; Buddhism in the world

Introdução

Para alguns, o Budismo é uma religião, para outros o Budismo é uma filosofia. Da forma como Budismo foi constituído na Índia, pelo viés de suas tradições, esta doutrina acabou por se tornar uma das mais efetivas formas de compreensão do eu de nossa era.

* Doutor em Filosofia. Professor adjunto de Filosofia da Religião do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e-mail: dredyson@gmail.com

Da Índia, o Budismo se configurou e se modificou a partir das tendências culturais na China, Japão, Ceilão, Tailândia, Coreias e diversos outros países para onde se expandiu. Sua atitude perante a vida e o homem segue um princípio de não fazer o mal aos outros e, sim, beneficiar os seres: se você não consegue fazer o bem a alguém, pelo menos evite fazer as pessoas sofrerem. No Budismo não há um deus prefigurado que dirija o universo ou que nutra no ser do homem o que ele deva fazer ou não. Alcançar a perfeição da sabedoria seria o caminho a ser seguido pelos praticantes do Budismo para se aproximar da lucidez.

Aqui trataremos do princípio básico da doutrina budista, as chamadas “Três Joias históricas” do Budismo primordial. Dessa forma, o *Dhammapada*, uma das principais obras do Cânone budista, enuncia em seu XIV capítulo, *Buddhavagga*:

Aquele que tenha ido ao Buda, ao Dharma e à Ordem como refúgio, vê com plena sabedoria as Quatro Nobres Verdades: o sofrimento, a origem do sofrimento, a cessação do sofrimento, e o Nobre Caminho Óctuplo que conduz à cessação do sofrimento. Este, na verdade, é um seguro refúgio, este é o melhor refúgio; o homem se liberta de todos os males vindo a este refúgio¹.

Os aspectos que norteiam a vida do ser humano passam por todas estas esferas, por isso, o Budismo crê que será através da concreta contemplação que se chegará à verdadeira lucidez. Continua o *Dhammapada*: “Feliz é o aparecimento d’um Buda; feliz é o ensinamento do bom Dharma; feliz é a unidade da Ordem, feliz é a devoção dos que em harmonia vivem”². O surgimento de um Buda é motivo de grande felicidade para um mundo. No *Anguttara Nikāya*, é o próprio Buda que fala de seu despertar:

Discípulos, se três coisas fossem encontradas no mundo, o *Tathāgata*, o *Arahat*, o Plenamente Desperto, não apareceria no mundo, tampouco o Dharma-Disciplina por ele proclamado irradiaria luz sobre o mundo. Quais são estas três coisas? Nascimento, velhice e morte. Mas, dado que estas três coisas são encontradas no mundo, o *Tathāgata* aparece no mundo, o *Arahat*, o Plenamente Desperto, e o Dharma-Disciplina proclamado por ele irradia sua luz sobre o mundo³.

¹ DHAMMAPADA. XIV *Buddhavagga*, pp.190-192; *Ensinamentos do Buda*, p.111.

² *Ensinamentos do Buda*, p.113.

³ ANGUTTARA NIKĀYA, v. 144/10:76. *Ensinamentos do Buda.*, p.162.

Dentro da cosmologia budista, o *Tathāgata*⁴, o *Arahat*⁵ e o *Plenamente Desperto* são as realidades do Budismo para o benefício dos seres. Para identificarmos a essência do Budismo perante um enorme universo de literatura e de características, acreditamos que a expressão de Yoshinori muito bem responde a estas indagações, pois, em nossa premissa inicial, podemos constituir a seguinte pergunta: o que é o Budismo? Ou, então, como se configura do Budismo? E o autor assim nos responde: “A resposta clássica [do que é ser budista]: é buscar refúgio nas três realidades salutares supremas: o Buda (como seu mestre), o Dharma (como seu ensinamento) e o Sangha (como a comunidade budista)⁶. Os três são considerados as *três joias* que estão além de todo preço”⁷. Encontrar refúgio nas três joias é o que diferencia os budistas dos não-budistas. Analisemos agora as três esferas em que buscam refúgio os praticantes do Budismo.

O Buddha

Dentro do Budismo, a época em que vivemos é chamada de *Bhadrakalpa* (uma era afortunada), em que mil Budas surgirão; juntamente com estes Budas, surgirão também os *Bodhisattvas* que terão como finalidade indicar o caminho do Buda e beneficiar todos os seres, isto é, ampliar o ensinamento do Buda. Quatro mil Budas já vieram e se foram, três Budas surgirão fora da realidade humana e o quarto Buda deste seguimento é Shakyamuni. “A transmissão do Dharma instituída pelo Buddha Sakyamuni começou em era passada, quando ele fez seu voto de Bodhisattva na presença do Buddha Dipamkara, e recebeu a profecia de sua futura iluminação”⁸. O surgimento de um Buda é uma realização de muita compaixão e de muita alegria para aqueles que podem vivê-la, pois a pedra fundamental de um Buda é a compaixão.

Segundo Percheron, as escrituras budistas aludem com bastante insistência a episódios da vida de Buda e de sua iconografia. O autor relata também que é difícil entender a relação que há entre o mito e a realidade na história de Buda⁹. Sidharta, que tornar-se-ia o Buda iluminado surgiu na bacia do Ganges médio, onde o rio inclina-se

⁴ É o termo usado pelo Buda para referir-se a si mesmo. Significa, literalmente: “aquele que tenha assim (*tathā*) vindo ou chegado (*āgata*) nos diz Cohen: “É dito que o *Tathāgata* não pode ser ‘descoberto’, isto é, conhecido empiricamente, mesmo durante o tempo da vida, muito menos assim após a morte” (*Ensinamentos do Buda*, p.514).

⁵ Literalmente, significa *o consumado*, isto é, aquele que alcançou o estágio final do progresso espiritual. O Buda também era um *Arahat*.

⁶ Eu me refugio em Buda (Buddham Saranam Gacchami); Eu me refugio na Lei (Dharmam Saranam Gacchami); Eu me refugio na Comunidade (Sangham Saranam Gacchami) (*Textos Budistas e Zen-Budistas*, p.27.)

⁷ Cf. T. YOSHINORI. Introdução, *A Espiritualidade Budista I*, p.xi.

⁸ TARTHANG TULKU. *As três joias. Buddha, Dharma e Sangha*, p. 5.

⁹ Cf. M. PERCHERON. *O Buda e o budismo*, p.17.

para o oriente, passando diante de Benares. A família de Sidharta é derivada do reino dos Shakyas, que, na verdade, não passava de um principado de outro reino, o reino de Kosala, predominantemente rural e que tinha em sua mais próspera e rica cidade, Kapilavastu, sua aurora. Muitos dos estudiosos do Budismo refletem sobre o mito de sua existência e de seu nascimento. A discussão dá conta de que somente depois da morte do Buda é que a especulação do mito de seu nascimento começou a proliferar. Conta-se, através das histórias *Jatakas*¹⁰, do Cânone Páli, diversas histórias de renascimentos do Buda - vale salientar que o Buda Shakyamuni recordou de todos os seus nascimentos. Antes de se tornar Buddha, ele viveu como praticante por três éons. Em um desses praticantes se encontrava a figura de Sumedha, que, ao saber que o Buda Dipankara estaria passando pela sua aldeia para dar ensinamentos sobre a natureza búdica, decide juntamente com outras pessoas consertar a estrada, deteriorada pelo tempo, para que o Buda pudesse passar. Tanto Sumedha como os outros aldeões foram surpreendidos pelo Buda Dipankara, que chegou à cidade antes do previsto; Sumedha, vendo uma possa de lama, esticou seu manto para que o Buda não sujasse os pés. O Buda Dipankara olhou para Sumedha e este, ao olhar para o Buda, fez um voto interno silencioso de sempre beneficiar os seres. O Buda Dipankara então lhe disse que, no futuro, ele seria um Buda, o Buda Shakyamuni, e poderia fazer bem a todos os seres. Dessa forma, várias foram as vidas de Sumedha como um bodhisatva, fazendo bem aos seres. Sumedha nasceu várias vezes nos seis reinos, como homem, como animal, como semideus, como ser infernal e como deus, até nascer como o Buda Shakyamuni.

Entre estas histórias de seus renascimentos encontramos a *Ponte macaco*, onde um grande macaco reinava sobre oitenta mil macacos que viviam em paz e tranquilidade; para que esta paz e tranquilidade continuassem, eles não poderiam deixar que o fruto que nascia de uma árvore caísse no rio, pois esta era uma fruta especial e muito saborosa. Se a fruta caísse no rio, o rio a levaria até a civilização e, ao experimentarem da fruta, desejariam comer mais, para comer mais seguiriam o leito do rio até chegar à árvore - e acabariam com o sossego dos macacos. Um dia, um fruto caiu no rio e aconteceu o que o macaco rei previa: vieram os humanos de um reino e todos os macacos apavorados tentaram fugir. O rei macaco teve a ideia de fazer uma ponte com seu próprio corpo, prendeu-se a um dos galhos e esticou-se o máximo possível para que, com o seu pé, segurasse a outra extremidade da árvore; todos os macacos conseguiram fugir e, quando o último passou pelo corpo do rei, descuidadamente pulou com muita força e quebrou a coluna do rei. O rei que invadiu a floresta atrás do fruto viu o macaco rei morrendo, pediu a seus súditos para resgatá-lo, mas, vendo que não sobreviveria, perguntou: – Mas, macaco, não sabias que fazendo o que fizeste irias morrer? O macaco rei

¹⁰ Histórias dos renascimentos do Buda. Essas histórias se desenrolam como um colar em que cada conto é uma vida na qual o Buda aparece como um ser primordial cheio de generosidade, paciência e sabedoria.

respondeu: – Sou o rei deles, e ofereci meu próprio corpo pela salvação deles, que tenho como filhos. De nada adiantaria amá-los e os deixar morrer. Que esta lição sirva para ti e teu reino também. Assim morreu o macaco e o rei, seguindo seu exemplo, foi um rei muito bom para seus súditos, tendo-os como filhos.

Outra história semelhante é a do *Grande elefante*, que, vendo um grupo de homens famintos de água e carne, ofereceu-se como alimento, jogando-se de um precipício para fornecer nutrição aos viajantes. Outras histórias têm um tom de alerta, como a da *tartaruga* que pegou uma carona com dois gansos. Os gansos voaram e cada um segurou com sua pata uma vara; a tartaruga só precisaria ficar com a boca fechada segurando com os dentes a vara. Eis que, quando voavam por um vilarejo, algumas crianças viram tal estranha cena que começaram a rir. A tartaruga, irritada, abriu a boca para reclamar, caiu com o casco no chão e morreu¹¹.

Em outra dessas histórias, Buda é o narrador. Que, chegando a uma aldeia, encontrou uma senhora chorando intensamente por que seu filho teria sido condenado à morte por ter cometido um roubo. O rei ficou em dúvida se executava a sentença ou não. Aproveitando que o Buda passava por lá e era tido como um homem de grande sabedoria, foi interrogado pelo rei se deveria executar ou não a sentença. O Buda contou que, numa vida anterior, certo rei tinha três filhos. A rainha, dormindo, não percebeu que os três saíram para caminhar pela rua e entraram na floresta; lá encontraram uma caverna e, dentro dela, estava uma tigresa morrendo de fome com os seus filhotes. As três crianças se compadeceram da tigresa, mas nada puderam fazer. Quando voltavam para casa, o menor dos três filhos disse que iria voltar a rua para pegar algo que esquecera, os dois irmãos concordaram e continuaram o caminho para casa enquanto o menor voltou para caverna da tigresa. A compaixão que dominou o menino foi tamanha que ele quis oferecer seu corpo à tigresa, que, mesmo diante da presa, não tinha forças para agarrá-lo. O menino então cortou seus pulsos e se jogou na boca do animal, que rapidamente o devorou. A rainha acordou de um pesadelo que tivera, sonhou que três passarinhos voando pelo céu tinham sido atacados por um falcão e o menor dos passarinhos tinha sido pego pelo pássaro. Acordando eufórica, logo perguntou pelo filho pequeno. Os dois irmãos levaram a mãe à caverna da tigresa e, lá, encontraram somente os ossos do menino. O Buda retornou à realidade e disse: aquele menino era eu, a tigresa essa senhora e o rapaz que vai ser morto um dos filhos. Dessa forma, o rei entendeu que não deveria dar a sentença de morte ao jovem rapaz acusado de roubo.

A chegada de Sidharta à vida que conhecemos e a forma pela qual tornar-se-ia o Buda iluminado foi um ato de grande compaixão. Será também através das histórias Jatakas que o mito de seu nascimento se desenvolve, que o Buda como Bodhisattva entrou no ventre de sua mãe, a rainha Maya, na forma de um pequeno elefante branco.

¹¹ Cf. N.I.Khan: *Contos Jataka*.

O elefante representação um grande poder real, e esse surgimento foi anunciado em sonho À rainha¹². Ainda segundo o mito, o pai de Siddharta recebeu um monge do Himalaia que descreveu os trinta e dois sinais que um dia deveriam aparecer no corpo do Buda para efetivar sua veracidade:

Seu crânio apresentará uma excrescência. Seus cabelos entrançados sobre a direita, serão azulados. Na fronte larga e unida, entre as sobrancelhas, surgirá um pequeno círculo de pelos prateados. Os olhos, abrigados por cílios longos como os de uma vitela, serão grandes, brancos e negros. O lóbulo das orelhas será três vezes mais longo que o normal. Possuirá quarenta dentes sólidos e muito iguais a resguardar uma língua longa e afilada, que lhe dará um excelente sentido do paladar. Seu queixo terá a força do de um leão. De pele fina e cor de ouro, será dotado de um corpo flexível e firme como a haste do arão, de um torso largo como o peito de um touro, de espátulas arredondadas, coxas roliças, pernas de gazela e sete protuberâncias bem repartidas. Sua mão será larga e o braço, pendente, há de tocar o joelho. Os dedos muito alongados, tanto das mãos como os pés, serão unidos por fina membrana. Seus pelos nascerão um a um e os dos braços se voltarão para o alto. O que é preciso esconder será recolhido. Os calcanhares serão gordos e as plantas unidas. Embaixo de cada pé será desenhada uma roda de mil raios e ele se manterá perfeitamente reto sobre os pés simetricamente iguais. Sua palavra possuirá o mesmo timbre de um Brama¹³.

Olho e ouvido revelam suas faces divinas e humanas, a língua, o nariz, o corpo em si mostram as expressões extra-sensoriais e, finalmente, a mente revela o ser do eu concentrado e não-concentrado, isto é, a ordem e o conhecimento dos falecimentos e renascimentos a partir dos seres e dos problemas que norteiam os sentimentos morais.

Após dez meses lunares, a Rainha Maya, visitando o jardim de Lumbini, ergueu o braço direito para alcançar um galho de figueira e, prontamente, saiu de seu ventre o pequeno Buda. A criança recém-nascida deu sete passos e anunciou que este era o seu último renascimento; uma leve chuva banhou a criança e uma flor de lótus se abria sob seus pés a cada passo que dava. Nessas histórias, ainda encontramos diversas formas de renascimento do Buda que foram representadas em pinturas e gravadas em pedras que realçam a natureza do Buda Shakyamuni.

Siddharta Gautama provavelmente viveu entre 622 e 543 a. C., pertencia ao clã dos Shakyas - por isso, é chamado de *Shakyamuni* (sábio das Shakyas). Filho do monarca

¹² Cf. TARTHANG TULKU. *As três Jóias. Buddha, Dharma e Sangha*, p. 11; M. PERCHERON. *O Buda e o budismo*, pp.20-21; E. CONZE. *Budismo: sua essência e desenvolvimento*, pp.28-30.

¹³ M. PERCHERON. *O Buda e o budismo*, p.23. Cf. também E. CONZE. *Budismo: sua essência e desenvolvimento*, pp.30-31; W. RAHULA. *O Ensino de Buda*.

Suddhodhana, sua mãe foi Maha-Maya e faleceu sete dias após o nascimento de Siddharta. Segundo as histórias Jatakas, ela foi renascer no céu de Tusita. Sua irmã caçula, Pajapati Gotami, tornou-se a segunda esposa do rei Suddhodhana e foi a ama de leite do jovem Siddharta. Ao perceber que se tratava de uma criança totalmente saudável, o rei recebe a visita de um religioso e profeta da região chamado Asita. Este, ao verificar os sinais do Buda no corpo do menino, chora. Preocupado com o choro, o rei lhe pergunta o porquê das lágrimas. Asita afirma que o menino será um grande rei ou um grande anunciador da liberdade pela via espiritual. Seu choro, explica, é por ter esperado tanto tempo para seguir um caminho espiritual e porque, quando o jovem Siddharta propusesse esse caminho, ele já não mais estaria vivo. Naturalmente, o rei ignorou a última fala de Asita, pois já tinha predestinado o filho a se tornar rei, seu sucessor.

Da vida do jovem Siddharta, sabemos que foi criado em Kapilavastu em uma vida luxuosa: tudo de bom e luxuoso sempre lhe foi apresentado, praticava esportes e era sempre muito bem visto por todos. A preocupação de seu pai era no sentido de que ele não conhecesse as misérias do mundo externo ao palácio. Aos dezessete anos, casou-se com sua prima Yasodhara e lhe foi revelado que deveria herdar o trono do reino paterno. Após seu casamento, foi levado a intensas crises pessoais - seu pai sempre tentava confortá-lo com todos os prazeres possíveis; era difícil de saber de onde vinham as angústias e crises no jovem Siddharta. Aos 29 anos de idade, ele sentiu a curiosidade de conhecer como seria a vida fora dos muros do palácio de seu pai e ver o mundo.

Ao sair com o primo Channa do palácio por ocasião de uma festa, teve uma primeira visão que o atormentou: um velho. Em seguida questionou Channa o que era aquilo, o primo informou que era um ancião e que todos, inclusive ele, chegariam àquela condição. Em seguida, Siddharta viu um doente, da mesma forma perguntou a respeito, e obteve a mesma resposta. Por fim viu um morto, e obteve também a mesma resposta. A figura de temor tomou de conta do jovem Siddharta, que, então, avistou um asceta molambo. Channa lhe disse que aquele molambo era um homem que decidira abandonar o mundo e viver na busca da verdade através do ascetismo.

Após ter visto os três homens em situações que ele desconhecia, refletiu que não poderia haver alegria enquanto tantas pessoas sofrem. Decidiu, então, seguir a vida de asceta, pois acreditava que através do ascetismo poderia impedir o sofrimento do mundo. Siddharta começou a ter problemas de convivência com o pai, problemas existenciais, vivia aflito e angustiado por saber que a miséria era concernente a grande parte da população de sua terra. Nessa mesma época renunciou ao mundo, abandonou a casa de seu pai e sua esposa que acabara de dar-lhe um filho, Rahula. Em desacordo com o pai, passou a viver errante pelas terras da Índia, desejoso de encontrar a resposta de sua cessação, abandonou a vida mundana e seguiu o caminho do ascetismo. Pediu a seu servo que aprontasse o cavalo e o acompanhasse; misteriosamente, ninguém o viu

sair com o cavalo, os soldados que estava à porta do palácio caíram em grande sono e os cascos do cavalo não fizeram nenhum tipo de som. Rapidamente, Siddharta chegou a Magadha, de onde mandou seu servo voltar para o palácio e anunciar o acontecido. Despojou-se das vestes de príncipe, cortou os cabelos com a espada e vestiu um manto açafraão de monge mendicante.

Seguindo um costume da época, procurou um mestre que pudesse lhe instruir. Encontrou o sábio Alara Kalama, que o introduziu no caminho do ascetismo, privando-se do alimento e andarilhando fazendo mortificações. Seis anos depois, percebeu que de nada valia tal prática e a abandonou, chegando à conclusão de que eram inúteis, e passou a praticar a meditação. Muitas das austeridades que Siddharta praticou tinham a ver com a alimentação, deixando seu corpo fraco e indisposto. Ele voltou a se alimentar e percebeu que o caminho verdadeiro não poderia mesmo ser o ascetismo.

Cohen nos conta como se deu o encontro do jovem Siddharta com a iluminação:

Após, ele sentou-se ao pé de um árvore... À medida que a noite foi avançando, ele entrou em estágios meditativos cada vez mais profundos e sua mente tornou-se calma e serena. Então, os textos nos contam, na primeira vigília da noite ele direcionou sua mente concentrada à rememoração das suas vidas anteriores, retrocognição das existências passadas. Gradualmente desdobraram-se ante sua visão interna suas experiências em muitos nascimentos passados, e até durante muitos éons cósmicos; na vigília noturna do meio ele desenvolveu o olho divino (clarividência) que lhe permitia ver seres falecendo e renascendo de acordo com seus carmas, seus feitos; e na última vigília da noite ele penetrou nas mais profundas verdades da existência, as leis mais básicas da realidade e extinguiu todos os cancos (morais). Quando a aurora irrompeu, a figura que estava sentada debaixo da árvore não era mais o Bodhisattva (o ser destinado à iluminação), mas um Buda, um Perfeitamente Desperto, alguém que tinha atingido a não-Morte nesta vida¹⁴.

Após este feito, o Buda viveu ainda por quarenta anos andando pelo Vale do Ganges ensinando o *Dharma* (a lei, a verdade). O passamento final, o *parinirvana*, se deu com a idade de oitenta anos em Kusinara, e seu corpo foi cremado sete dias depois. O Buda nos deixou aproximadamente oitenta e quatro mil ensinamentos que constituem o *Dharma*.

¹⁴ *Ensinamentos do Buda*, p.38. Veja-se também E. CONZE. *Buddhist Scriptures*, pp.49-53.

O Dharma

Dharma, o ensinamento do Buda, é uma palavra difícil de ser traduzida por conta de sua densidade entre os praticantes, mas pode aqui inicialmente ser entendida como doutrina ou como lei¹⁵. Segundo Cohen: “Literalmente, *suporte, esteio, mantenedor*. É traduzido variavelmente por religião, verdade, doutrina, lei, norma, justiça, retidão, qualidade, virtude, essência, constituinte ulterior, fenômeno, natureza, constituintes da natureza, coisa, objeto da mente, qualidade moral etc.”¹⁶. Configura-se como o ensinamento transmitido pelo Buddha a seus discípulos, consta de determinados sermões que apresentam a forma de pensar do Buddha. Historiadores do Budismo concordam, em suma, com a informação de que o Buda nada escreveu e tudo o que entendemos como ensinamento do Buddha, na verdade, é ensinamento transmitido pelo Buddha a seus discípulos. De acordo com o registro no Cãnone Páli¹⁷, o Budismo se fundamenta no que é conhecido como as *Quatro Nobres Verdades (cattari ariya-saccāni)*¹⁸ que foram ensinadas pelo Buddha em seu primeiro sermão, *Dhammacakkapavattana Sutta* [SN LVI,11] (“Colocando a roda do Dhamma em movimento”) e que se constitui como o início do *Dharma*. 1) A Nobre Verdade acerca do sofrimento (*dukkham ariya-saccam*) – Nascimento é doloroso; velhice é dolorosa; morte é dolorosa; mágoa, lamentação, dor, angústia e desespero são dolorosos também; associação com o desagradável é dolorosa; separação do que é caro é dolorosa; desejar algo e não obtê-lo é também doloroso; sucintamente, os cinco agregados da personalidade (objetos) do apego, são (insatisfatórios e) dolorosos; 2) A Nobre Verdade acerca da origem do sofrimento (*dukkha-samudayam ariya-saccam*) – Justamente essa sede que conduz à existência renovada, ligada ao prazer e paixão, e que encontra deleite ora aqui ora acolá, a saber: a sede sensual, a sede pela existência e a sede pela autoaniquilação; 3) A Nobre Verdade acerca da cessão do sofrimento (*dukkha-nirodham ariya-saccam*) – Justamente a completa impassibilidade à, e a cessação dessa sede, a renúncia a ela e seu abandono, a libertação e a independência dela; 4) A Nobre Verdade acerca da via que leva à cessação do sofrimento (*dukkha-nirodha-gāmini-patipadā ariya-saccam*) – Justamente este Nobre Caminho Ócutplo, a saber: visão correta, propósito (ou intenção) correto, fala correta, ação correta, meio de vida correto, esforço correto, plena mentação correta e concentração correta.

A quarta Nobre Verdade é a realização do Nobre Caminho Ócutplo (*ariya atthangika magga*). O Nobre Caminho Ócutplo está para a quarta Nobre Verdade do Buddha, é o caminho e a indicação para o fim do sofrimento. Os oito caminhos partem

¹⁵ Dharma, em sânscrito, e Dhamma, em páli.

¹⁶ *Dhammapada*, p.246.

¹⁷ O Cãnone Páli será o mais antigo registro dos ensinamentos do Buda escrito em língua páli.

¹⁸ Aqui, nos apoiamos em *Os Ensinamentos do Buda*, p.541.

de uma *Verdade*, isto é, uma sentença verdadeira (correta ou devidamente – *samyak* (*sammā*), que são apresentados em três grupos: prajna, sila e samadhi.

- prajna (*adhipannā-sikkhā*) – é a sabedoria superior que purifica a mente, permitindo atingir uma visão espiritual da natureza e de todas as coisas;

1) Visão correta (*sammā-ditthi*) – ver a realidade como ela é, não apenas como parece ser, isto é, entender as Quatro Nobres Verdades;

2) Propósito correto (*sammā-sankappa*) – propósito de abnegação, de renúncia a liberdade e a inocuidade, não ter má vontade e estar livre da crueldade;

- sila (*adhisila-sikkhā*) – é a moralidade superior, a abstenção de atos nocivos;

3) Fala correta (*sammā-vācā*) – abstenção da fala mentirosa e preservação da fala não ofensiva, abandono da calúnia;

4) Ação correta (*sammā-kammanta*) – agir de maneira não prejudicial, abstenção de agredir ser vivo, roubar e má conduta sexual;

5) Meio de vida (*sammā-ājiva*) – obter a subsistência por meios que não sejam prejudiciais aos seres vivos;

- samadhi (*adhicitta-sikkhā*) – mentalidade superior, meditação;

6) Esforço correto (*sammā-vāyāma*) – evitar maus estados mentais e superá-los, fazer esforço sempre para melhorar;

7) Plena mentação correta (*sammā-sati*) – contemplação do corpo, sentimento, mente e objetos mentais;

8) Concentração correta (*sammā-samādhi*) – concentração sob um único objeto, de maneira a induzir a certos estados especiais de consciência em meditação aprofundada.

Em *Dukkha*, o estado de sofrimento e insatisfação existe em três tipos, o sofrimento físico, o sofrimento em mudança (mental) e o sofrimento inerente às disposições psicológicas, que serão as corresponsáveis pela eliminação total do sofrimento e a indicação para o Óctuplo Caminho Nobre no seguimento para a iluminação total.

Uma das perspectivas centrais do Budismo é o ensinamento da *Originação Interdependente*¹⁹ (*paticca-samuppāda*) que pode ser encontrada em vários momentos do Cânone Páli. Buddha, no *Majjhima Nikaya*, afirma que quem vê a originação interdependente vê o Dharma e que quem vê o Dharma vê a originação interdependente. “A originação (inter)-dependente é geralmente exposta numa sequência de doze fatores, juntados em encadeamento de onze posições”²⁰. As causas dos acontecimentos no Budismo podem ser explicadas através da lei de origem

¹⁹ O termo sânscrito *pratitya samutpada* significa literalmente *na dependência, as coisas surgem*. É geralmente identificado como causa e efeito e, em português, foi por muito tempo chamado de *originação dependente*, mas hoje é mais usual a terminologia *originação interdependente* como encontramos em T.N.HANH. *A Essência dos ensinamentos do Buda*, pp.260s; G. SILVA; R. HOMEMKO. *Budismo: psicologia do autoconhecimento*, pp.165ss.

²⁰ *Ensinamentos do Buda*, p.78.

interdependente que se encontra no *Samyutta-Nikaya 2: 1,2* do *Sutta Pitaka*, que assim diz:

Em que consiste o surgimento por meio das causas? As construções são condicionadas pela ignorância; a consciência é condicionada pelas construções; o nome-e-forma é condicionado pela consciência; as seis esferas sensoriais são condicionadas pelo nome-e-forma; o contato é condicionado pelas seis esferas sensoriais; a sensação é condicionada pelo contato; o desejo é condicionado pela sensação; o apego é condicionado pelo desejo; a existência é condicionada pelo apego; o nascimento é condicionado pela existência; condicionados pelo nascimento, a velhice, a morte, o sofrimento, a dor, o desespero e os lamentos vêm à existência. Assim se produz a origem de todo esse conjunto de males. Eis o que se chama surgir²¹.

O devir, no Budismo, é incessante e revigorante em sua própria existência. “Assim, a originação dependente não somente mantém a chave da maneira na qual os seres ficam enredados no sofrimento, mas também aponta para a maneira pela qual eles podem livrar-se do sofrimento.”²² No Budismo, a realidade deste mundo tem início quando se nasce e terá seu fim perene quando se morre. O ato de nascer e morrer não elimina a possibilidade de o homem sofrer por várias vidas. A sistemática aqui empregada se funda na compreensão no nascimento e do envelhecimento, que, partindo da ignorância, chega à disposição cármica que é estabelecida pela consciência do ser liberto. Essa realidade se consome em três vidas: como ignorância e formações cármicas e volitivas que pertencem ao passado, nascimento e envelhecimento com o futuro e, finalmente, os elos intermediários ao presente.

Os sermões do Buda foram reunidos em um cânone, este cânone é chamado de *Tipitaka* em páli, que contém os ensinamentos originais do Buda e que estão reunidos no *Cânone Páli*: “Este cânone chama-se também *Tipitaka* (em sânscrito *Tripitakā*), isto é, *As três Corbelhas*, por dividir-se em três grupos”²³, que se apresenta da seguinte forma: *Vinaya Pitaka* (Livros de Disciplina), *Sutta Pitaka* (Livros da Doutrina) e *Abhidhama* (Livros Psicológicos).

O *Vinaya Pitaka* é a primeira divisão da *Tripitaka*, é a estruturação e edificação da comunidade monástica (*sangha*) e contém o código de regras para monges e monjas de como devem se comportar individualmente bem como a forma de comportamento para que a comunidade permaneça em harmonia. O *Vinaya* se apresenta em três divisões de

²¹ *Textos Budistas e Zen-Budistas*, p.39.

²² *Ensinamentos do Buda*, p.83. Ao chegarmos à seção em que trabalharemos o Budismo tibetano retornaremos a comentar, mais detalhadamente, a lei da originação interdependente, a *Roda da Vida*.

²³ *Dhammapada*, p. 259.

regras: *Suttavibhanga*, *Khandhaka* e *Parivara*, que, em seu todo, apresentam 227 regras para monges e 311 regras para as monjas, que são contadas e recontadas.

O *Sutta Pitaka*, segunda divisão da *Tripitaka*, é composto da doutrina praticada e ensinada pelo Buda. Será no *Sutta* que encontraremos os discursos e principais passagens dos ensinamentos do Buda expostos acima. O *Sutta* (Sutra, em sânscrito) contém os discursos proferidos pelo Buda e pelos discípulos do Buda mais próximos durante quarenta e cinco anos de transmissão através da palavra. O *Sutta Pitaka* é dividido em cinco *nikayas* (coleções): *Digha Nikaya*, *Majjhima Nikaya*, *Samyutta Nikaya*, *Anguttara Nikaya* e *Khuddaka Nikaya*. Eles representam os registros mais importantes da doutrina do Buda. Estudiosos afirmam que todo o *Sutta* tem uma única lógica de formação, a de que os sutras mais extensos formam o *digha*, os medianos o *Majjhima* e os curtos o *Samuytta* e o *Anguttara*²⁴.

O *Digha Nikaya* são os discursos longos (*digha* = longo); são compostos de 34 sutras e estão divididos em três outras classes: *Silakkhandha-vagga*, *Maha-vagga* e *Patika-vagga*. Nele estão o *Grande Sutra da Originação Interdependente* (DN15), o *Grande Discurso do Parinirvana* (DN16), o maior sutra de todo o Cânone, *Os fundamentos da atenção plena* (DN22) e o *Rugido do Leão ao girar a roda* (DN26). O *Majjhima Nikaya*, segunda divisão do *Sutta*, são os discursos médios (*Majjhima* = médio) e consistem em 152 discursos divididos em três partes, cada uma contendo dez divisões: *Mulapannasapali*, *Majjhimapannasapali* e *Uparipannasapali*. É nessa coleção que encontramos alguns dos sutras mais importantes da doutrina do Buddha, como por exemplo o MN9, que expõe as Quatro Nobres Verdades e o Nobre Caminho Ócutplo, os cinco agregados e as seis perfeições. O *Samyutta Nikaya*, a terceira divisão do *Sutta*, é composto de 7.762 sutras divididos em cinco seções: *Sagatha-vagga*, *Nidana-vagga*, *Khandha-vagga*, *Salayatana-vagga* e *Maha-vagga*; cada uma destas seções tem uma infinidade de *Samyuttas*, pequenos textos do Buddha que variam de situações vividas pelo Buddha em seus ensinamentos, conselhos aos monges e exortações a reis. A quarta divisão do *Sutta* é o *Anguttara Nikaya*, organizado em onze seções (*nipatas*) por ordem numérica; cada *nipata* estabelece um tema e todos os discursos nele contido dizem respeito a este tema. Os títulos destes *nipatas* são estabelecidos por seu número: *Livro do Um*, *Livro dos Dois*, *Livros dos Três* etc.

O *Khuddaka Nikaya* é a quinta e última divisão do *Sutta Pitaka*. Sua formação é de discursos curtos (*khudda* = menor/pequeno), contém discursos muito pequenos e outros longos, versos e fragmentos de ensinamentos do *Dharma*. O *Khuddaka Nikaya* é subdividido em dezoito *nikayas* e contém 9.550 sutras. O *Dhammapada*, um dos mais conhecidos e mais antigos textos sagrados budistas, está composto no *Sutta Pitaka*.

²⁴ Ver: T. W. RHYS-DAVIDS. *Pali-English Dictionary*; W. RAHULA. *What the Buddha taught*; E. CONZE. *Buddhist Scriptures*.

O nome *Dhammapada* é uma palavra composta: *dhamma + pada*; *dhamma* significa, entre outras coisas, virtude, ensinamento, doutrina, lei, verdade, retidão, etc; *pada* tem o significado de senda, caminho, trilha, traço, pé, passo, etc. Aqui o nome que a presente tradução recebeu foi *A Senda da Virtude*; este nome se harmoniza com o caráter geral da obra²⁵.

O *Dhammapada* reúne 423 estrofes em 26 capítulos. Segundo Rhys Davids, os textos que integram o *Khuddaka Nikaya* foram muito apreciados e memorizados pelos budistas em todo o mundo, Alguns são versos inspirados no despertar dos primeiros monges e tiveram uma grande apreciação no Ocidente²⁶. Será também no *Khuddaka* que encontraremos as *Jatakas*, mais de quinhentas histórias de renascimentos do Buddha.

O *Abhidharma Pitaka*, terceira e última divisão da Tripitaka, contém os livros psicológicos da doutrina do Buda. Recebe a expressão *psicológicos* por serem os mais difíceis e complexos textos da doutrina búdica. Estão relacionados aos processos dos comportamentos mentais e físicos. Enquanto o *Vinaya* e o *Sutta* estabelecem os ensinamentos práticos relativos ao caminho budista para a iluminação, os livros do *Abhidharma* expõem uma análise mental e científica dos mesmos conhecimentos. São textos densos, de características filosóficas que abordam uma essência mais íntima com a mente. O *Abhidharma* é composto de sete livros: *Dhammasangani*, que trata dos fatores e estados mentais, apresenta os quatro elementos primários físicos, os vinte e oito fenômenos físicos e o nirvana; *Vibhanga*, *Dhatukatha*, *Puggalapannati*, que são continuações do primeiro livro; *Kathavatthu*, que compreende perguntas e respostas remontando a possíveis controvérsias que podem surgir durante o ensinamento do *Dharma*; *Yamaka*, continuação do livro anterior, e *Patthana*, o livro mais extenso de todo a *Tripitaka* (na edição tailandesa tem mais de 6.000 páginas), em que se descreve os 24 *paccayas* ou leis de condicionalidade, através dos quais o *Dharma* interage. Este livro demonstra todas as experiências possíveis de serem conhecidas.

Além do Cãnone Páli, os budólogos ainda nos falam da existência de um Cãnone Sânscrito (que em parte desapareceu, restando apenas sua tradução para o chinês *Tai'sshô* e para o tibetano *Kanjur* e o *Tanjur*) mantido pelas tradições Mahayana e Vajrayana.

A Sangha

A *Sangha* é a comunidade em que se pratica o *Dharma*. A Sangha é o ambiente onde a prática da atenção plena é preservada, pois, também, no Budismo, a prática

²⁵ Ibid.

²⁶ T. W. RHYS-DAVIDS. *Pali-English Dictionary*, p.113.

solitária revela determinados aspectos da lucidez búdica, mas a comunhão entre as pessoas realiza essa lucidez mais rapidamente e apresenta um auxílio necessário para a constituição, elaboração e discussão dos ensinamentos do Buddha. Nas escrituras budistas é afirmado que existem quatro tipos de sanghas, a dos monges, a das monjas, a dos leigos e das leigas. Hoje, podemos entender que a sangha é uma coisa só, um ambiente, lugar, onde a predisposição para o entendimento do dharma seja completo, onde um auxilia o outro, onde se forma uma autêntica comunidade que partilha o bem e o benefício dos seres.

Segundo Tarthang Tulku, a primeira Sangha foi composta pelos cinco primeiros discípulos do Buddha que ouviram o ensinamento da roda do Dharma; seguiram-se outros que iniciaram sua prática sob os ensinamentos sobre o sofrimento²⁷. Após cada andança, cada jornada, o Buddha Shakyamuni compunha sanghas, designava membros e atribuía instituições para anunciar e ensinar o Dharma; desta forma, rapidamente as sanghas cresceram com o objetivo de propagar o ensinamento do Buddha. Diz-nos Gonçalves:

Os ensinamentos de Buda espalharam-se por toda a Índia e, depois de a expedição de Alexandre o Grande facilitar aos gregos a entrada nesse país, passaram a ser razoavelmente conhecidos nas regiões mais ocidentais do mundo helenístico; talvez tivessem mesmo atingido a Europa e influenciado o pensamento de vários filósofos de Alexandria²⁸.

A doutrina ensinada pelo Buddha espalhou-se por uma enorme região e obteve diversos seguidores entre reis, rainhas, ferreiros, escravos, pescadores e até mesmo generais e ricos comerciantes. A comunidade (Sangha) budista cresceu enormemente e junto com este crescimento vieram também sucessivas discordâncias. O Budismo, hoje, pode ser dividido em três grandes ramos (escolas): *Theravada*, *Mahayana* e *Vajrayana*. O *Theravada*, que para alguns estudiosos é quase sinônimo do *Hinayana*, é um dos ramos mais antigos e que sustenta o Cânone Páli em si; o *Mahāyana*, que se interpõe entre a doutrina dos Anciãos e a do Grande Veículo, afirma que foi o próprio Buddha que elaborou as tradições por meio de um segundo e depois terceiro giro da roda do *dharma*. Este, aliás, é o grande cisma entre o Budismo *Theravada* e o *Mahayana*, pois a estrutura dos três giros da roda do *dharma* é rejeitada pelo primeiro ramo e amplamente sustentada pelo segundo.

Muitas das desavenças no Budismo tiveram como principal motivo as palavras do próprio Buddha a Ananda, seu primo e discípulo, que diziam que, quando seu corpo morresse, autorizava a ordem, se esta assim desejasse, a abolir todos os preceitos menores

²⁷ TARTHANG TULKU. *As três Jóias*, p.114.

²⁸ *Textos Budistas e Zen-Budistas*, p.15.

e secundários²⁹. Como o Buddha não revelou que preceitos menores seriam esses, surgiram controvérsias. Um primeiro concílio budista foi realizado em Rājagṛha, pouco depois da morte (*Parinirvana*) do Buddha, e teve como principal motivo o resgate das palavras do Buddha e a constituição dos primeiros trechos do Cānone Pāli. Um segundo concílio budista, realizado em Vesālī cem anos mais tarde, discutia as constituições do cānone e a autoridade da comunidade. Desde a morte do Buddha, muitas escolas de inspirações diferentes começaram a surgir. Fala-se, por exemplo, das dezoito primeiras escolas que dariam origem às escolas que hoje existem.

Goldstein nos esclarece:

A estrutura desses três giros se tornou, em si, uma fonte de desacordo entre as tradições. Os adeptos do Theravada rejeitam em geral a ideia de que os ensinamentos “desenvolveram-se” a partir daqueles que o Buda histórico transmitiu originalmente e consideram as pregações posteriores – a ideia de novos giros – simplesmente como criações das escolas filosóficas em surgimento. Por outro lado, os praticantes do Mahayana e Vajrayana consideram fundamentais os ensinamentos originais do primeiro giro, mas incompletos, e acham que só por meio das manifestações mais místicas da natureza do Buda chegamos a entender inteiramente a realidade³⁰.

Em outras classificações existe ainda outra vertente, chamada *Vajrayana* (Veículo do Diamante) que figura comumente como uma parte do Budismo Mahayana, praticado em todo o Tibete.

Ainda segundo Gonçalves, o Budismo chegou à China pela primeira vez no ano de 65, através de Tsi-Yin, por ordem do imperador Ming-Ti, da segunda dinastia de Han: “O Budismo foi muito bem recebido na China, principalmente porque suas doutrinas se assemelhavam muito às do filósofo chinês Lao-Tsé, que, como Buddha, pregava a impermanência e vacuidade das coisas”³¹. Praticamente todas as escolas budistas penetraram na China, com exceção da escola Theravada, que predomina no sudeste asiático. Novas escolas budistas surgiram com a entrada do Budismo na China, como a *Terra Pura*, *Tendai* e, mais exclusivamente, a escola *Ch’an* ou *Zen*. A escola Zen chegou à China através de Bodhidharma, que pregava uma genuína formação budista indiana. Após conflitos determinados por essa opção de Bodhidharma, surge uma escola

²⁹ J. GOLDSTEIN. *Dharma*, pp.28-29.

³⁰ *Ibid.*, p.34.

³¹ *Textos budistas e Zen-budistas*, p.20. Cf. também W.BAUER. *Historia de la filosofia china*, pp.207-220.

intitulada *Zen-Budismo*, que já contemplava outras características além do Budismo genuíno indiano. Gonçalves continua:

As duas mais importantes subdivisões do Zen do sul são as escolas Soto e Rinzai, que ainda hoje sobrevivem no Japão. A primeira emprega um método de meditação em que a pessoa procura desligar a mente de toda espécie de pensamentos particulares e abarcar assim a totalidade. A segunda usa o famoso método do kôan, em que a pessoa busca a iluminação através da concentração em anedotas enigmáticas dos antigos mestres, conhecido pelo nome de kôan³².

A história do Budismo na China começa com o imperador Ming da dinastia Han do leste. Entre muitas lendas e histórias, conta-se que o imperador Ming teve um sonho no qual viu um ser voador de cor dourada, reconhecido como o Buddha. Dessa forma, o imperador Ming mandou missionários à Índia para trazerem para a China a doutrina do Buddha. Assim, escrituras budistas foram trazidas à China nas costas de cavalos brancos por dois mestres indianos Dharmarksa e Kasyapamatanga. O texto de mais importância que foi trazido foi o *Sutra em quarenta e duas seções*. Com esses e outros textos sagrados foi constituído o Templo do Cavalo Branco na capital, Lo-yang, para guardar os manuscritos. Durante a expansão do Budismo na China, grande parte da responsabilidade pela introdução e tradução das escrituras foi dos monges vindos, principalmente, dos países da Ásia Central. Muitos foram os adeptos da nova prática enviados à Índia para conhecer o sânscrito e mais um pouco das tradições indianas. Podemos dizer que o pioneiro deles foi o monge Fa-hsien (339 - 420? d. C.). Saindo de Lo-yang em aproximadamente 399 d. C., foi à Índia, onde ficou durante 15 anos. Um dos mais notáveis dos monges que chegaram a Índia foi Hsuan-Chuang (600 - 664 d. C.), que partiu para lá em 627 d. C. e permaneceu durante 19 anos. Mais tarde, outro monge, chamado I-Ching (635-713 d. C.), foi à Índia pelo mar em 671 d. C. e regressou pela mesma rota, vinte e cinco anos depois.

Um dos elementos que propiciou o largo crescimento do Budismo na China foram as semelhanças com as doutrinas e práticas naturais das religiões chinesas. Cheng nos oferece o seguinte resumo:

Podemos distinguir três grandes fases na grande aventura do budismo na China: numa fase preparatória (séc. III-IV), ele se vê arrastado pelas controvérsias chinesas da época. Apenas no período seguinte (séc V-VI) é que suas origens indianas são plenamente reconhecidas e assumidas. Com o grande florescimento cultural que a China conhece sob os Tang (séc VII-

³² *Textos budistas e Zen-budistas*, pp. 21-22; W.BAUER. *Historia de la filosofia china*. pp. 223-226.

VIII), o budismo recomeça a chinizar-se, mas desta vez com conhecimento de causa, o que permite falar de verdadeira assimilação³³.

No Japão, o Budismo foi introduzido no ano de 538, durante o reinado do imperador Kinmei, que, através do príncipe regente Shotoku, inspirou diversas missões budistas da China ao Japão a fim de promover as ideias e doutrinas do Budismo Mahayana. Fato é que o Budismo difundido no Japão entre os séculos VI e XI foi estritamente um Budismo teórico. Conforme nos assinala Gonçalves, os principais mestres deste período foram, sem dúvida, Saicho e Kukai:

O primeiro introduziu no Japão a Escola Tendai e fundou a famosa Universidade Budista do Monte Hiei, de onde saíram todos os grandes mestres do budismo japonês. O segundo, além de ter introduzido no Japão o Budismo Esotérico, que passou a ser ali conhecido como Shingon, desenvolveu atividade literária muito vasta, deixando uma infinidade de poemas, tratados filosóficos e novos estilos de caligrafia³⁴.

O Budismo Zen, ou Zen-Budismo, pode ser caracterizado como uma das mais perpétuas e influentes modalidades do Budismo no mundo, associada, em suas origens, ao Budismo do ramo Mahayana, o “Grande Veículo”. No Zen-Budismo encontramos um grande número de praticantes e um elevado número de publicações. Humphreys também nos informa que o Zen não pode ser compreendido como uma religião, pois ele está livre de todos os entraves religiosos³⁵.

A origem do Zen está, segundo Azevedo, em sua introdução ao conhecido livro de D. T. Suzuki, muito ligada à perspectiva histórica da tradição budista chinesa e japonesa que está repleta de correlações com o próprio Buddha:

A tradição histórica do Zen remonta ao célebre sermão sem palavras, feito por Buda ao elevar diante da assembleia dos monges, reunidos para ouvirem sua palavra, uma flor de lótus. Ninguém compreendeu a mensagem silenciosa a não ser o venerável Mahakassapa, que respondeu-lhe com um sorriso. Neste sorriso, nessa centelha nascida da compreensão profunda de dois olhares, foi transmitido o sentido esotérico do budismo³⁶.

³³ A. CHENG. *História do pensamento chinês*, p.404.

³⁴ *Textos budistas e Zen-budistas*, p.22.

³⁵ C. HUMPHREYS. *O Zen-budismo*, p.46.

³⁶ D. T. SUZUKI. *Introdução ao Zen-Budismo*, p.35.

Buddha, durante o que deveria ser um discurso, permaneceu em profundo silêncio, seus discípulos logo pensaram que ele pudesse estar doente ou muito cansado. Eis que, durante esse estado de contemplação, o Buddha ergueu uma flor de lótus sem dizer uma única palavra. Mahakashiyapa foi o único que compreendeu, diretamente, a mente do Buddha, seu conhecimento e suas realizações. Este *sermão sem falas* ficou conhecido como *o Discurso da Flor de Lótus*, que geraria o Zen-Budismo. Alcançar a sabedoria através do voto do silêncio, através da suprema contemplação. Ao sorrir para o iminente praticante, Buddha teria dito: “Eu possuo o verdadeiro olho do Dharma, a mente maravilhosa do Nirvana, a forma verdadeira do informe, o portal sutil do Dharma que não depende de palavras ou escritos, mas é uma transmissão especial fora das escrituras. Isto eu passo a Mahakashiyapa”. No Zen, a transmissão do conhecimento é sempre de mestre para discípulo; estudar livros, sutras e ensinamentos é importante, ajuda a compreender muitas coisas, mas, aqui, o aspecto de contemplação é maior e mais imponente, a chegada à iluminação será através deste estágio meditativo³⁷.

A palavra *Zen* é a tradução para o japonês da palavra chinesa *Ch'na*, que é a abreviação da palavra *Channa*, que, traduzida do sânscrito *Dhyana*, se aproxima da expressão *meditação*. A prática do Zen é o *Zazen*, tipo de meditação contemplativa que visa levar o praticante à “experiência direta da realidade”³⁸.

O Budismo chegou ao Tibete durante o império do 37° rei tibetano, chamado Srong-Tsen-Gampo. Esse rei casou-se com nove filhas de países vizinhos e sua tradição mandava que cada uma delas trouxesse para seu esposo artefatos de sua tradição. Duas de suas esposas, a filha do rei do Nepal e uma princesa chinesa, ambas praticantes do Budismo, apresentaram como presentes ao rei estátuas e relíquias budistas. O rei muito se interessou por tal religião e, para guardar todos os artefatos, construiu o templo de Jokhang, no qual foi entronizada a primeira estátua do Buddha trazida ao Tibete, a Jowo Rinponche. A pedido de suas esposas, o rei construiu mais templos budistas e enviou à Índia um de seus conselheiros para se especializar na língua sânscrita (gramática e ortografia). Esse conselheiro chamava-se Thon-mi-Sambhota, que, ao retornar, escreveu diversos tratados sobre o Budismo indiano que foram os primeiros instrumentos de estudos no Tibete³⁹. Esse rei ficou conhecido como o primeiro rei *dármico*.

A história do Budismo tibetano entra em choque com a antiga seita e religião dos *bom*, que se configurava dentro de uma característica mais xamânica, em consonância

³⁷ Cf. G. SILVA; R. HOMENKO. *Budismo: psicologia do autoconhecimento*, pp.231ss.

³⁸ Cf. D. T. SUZUKI. *Introdução ao Zen-Budismo*.

³⁹ O primeiro documento sobre a história do Budismo no Tibete foi escrita pelo historiador Bus-ton (1290-1364) e chamava-se *The History of Buddhism in India and Tibet*. Informações detalhadas sobre a história do Budismo tibetano podem ser encontradas em: J. POWERS. *Introduction to Tibetan Buddhism*. e em J. M. VARENNE. *O Budismo Tibetano*.

com a natureza e com o mundo. Para Varenne: “Os Bon têm total consciência do aspecto dualista destas divindades elementares e sua representação simbólica é muito anterior à iconografia tântrica, que traduzirá admiravelmente esta dualidade”⁴⁰. Efetivamente, as técnicas do Tantrismo derivaram das práticas divinatórias das entidades mágicas dos *Bon*.

O conflito naturalmente foi vencido pela emergente camada budista que se instalou no Tibete, que acabou trazendo à região uma pura vivência da doutrina do Buda e de seus ensinamentos. Fato também é que os tibetanos conseguiram preservar e cuidar de diversas escrituras sagradas que lhes chegaram por monges vindos da Índia, além de ter constituído uma língua para suas tarefas religiosas. O tibetano é efetivamente uma língua do Budismo, a única no mundo. Os *Bon* não se renderam tão facilmente e deu-se início a uma longa luta por território e por crenças religiosas. Trisong Detsen (755-797), conhecido como o segundo *rei dárnico*, construiu o primeiro monastério budista no Tibete, o *Samye*. De acordo com Powers⁴¹, durante a construção do monastério divindades evocadas pelos *bon* desfaziam o que tinha sido construído ao longo do dia. O rei Trisong Detsen, aconselhado pelo abade hindu Shantirakshita, trouxe para o Tibete o guru Padmasambhava com a finalidade de *domar* os espíritos que não deixavam o Budismo se instalar no Tibete; assim nos relata Luetjohann: “Padmasambhava, que possuía *sidhis*⁴² necessários para isso, não só subjugou os demônios e as divindades locais, mas também as converteu ao Budismo, prendeu-as por um juramento e as integrou como protetores do dharma de aparência na mandala”⁴³. Padmasambhava, o *nascido do lótus*, viveu em Nalanda, na Índia, e estava ligado à escola budista *Yogacara*; sua chegada no Tibete provocou o surgimento do *lamaísmo*, que não pode ser compreendido como segregação ou outra escola que não seja o próprio Budismo tibetano.

A figura de Padmasambhava (em tibetano *Pemajungne*) é histórica⁴⁴ - desde os oito anos de idade já era reconhecido como um grande mestre. Segundo Yeshe Tsogyal, sua consorte, sua vida foi muito parecida com a do Buddha Shakyamuni, pois teve um nascimento milagroso em *Orgyen* alguns anos depois do Parinirvana do Buddha, surgiu no meio de uma grande flor de lótus em um lago já esbravejando sabedoria, afirmando ser filho da sabedoria do estado de desperto espontâneo e da senhor sempre excelente, o espaço de todas as coisas. Quando foi encontrado, já menino, pelo rei Indrabodhi, foi adotado por este e criado num rico palácio. Seu pai adotivo desejava que aceitasse o

⁴⁰ J. M. VARENNE. *O Budismo Tibetano*, p.60.

⁴¹ J. POWERS. *Introduction to Tibetan Buddhism*.

⁴² Capacidade perfeita realizada pela prática. O estado de *desperto* é o mais importante dos oito *siddhis*.

⁴³ S. LUETJOHANN. *A Prática da meditação tibetana*, p.37.

⁴⁴ Dispomos em português de uma biografia de Padmasambhava: *A Lenda da Grande Stupa/A Vida do Guru nascido do Lótus*. Este livro é um relato de sua consorte Yeshe Tsogyal.

trono quando morresse, mas Padmasambhava sabia que seu destino seria outro e, dessa forma, pediu permissão ao pai para deixar o palácio e seguir vida religiosa. Igualmente ao que ocorrera com o Buddha Shakyamuni, o pai adotivo de Padmasambhava recusou. No intuito de convencer seu pai, Padmasambhava feriu e matou o filho de um importante ministro com um tridente durante uma dança. Essa morte foi necessária para libertar o jovem filho do ministro que carregava consigo um grande carma negativo e morreria naturalmente em alguns dias. Morto por Padmasambhava, esse jovem teve uma *libertação* através do poder yóguico do jovem nascido do lótus. Naturalmente, ninguém reconheceu isso, e o rei foi obrigado a exilar o filho como ele queria. O exílio de Padmasambhava foi deambular pelos campos de crematório da cidade, onde recebeu os ensinamentos de *dakinis*⁴⁵.

A grande estruturação que ocorreu no Tibete foi com o conhecido Tsong-Khapa (1357-1419), que aos sete anos de idade recebera os votos de monge. Estudou dos 13 aos 16 anos de idade o sistema tibetano de religiões, a filosofia budista nos sutras *prajñā pāramitas*, *Abhidharma* e o pensamento de Nāgārjuna, além dos textos sobre ética e lógica. Autor de comentários a Nāgārjuna, Atisha, Asanga, reformulador da filosofia *Madhyamika*, que bastante se difundiu no Tibete sob o nome *Prasanga-Madhyamika*, em que nos fala do vazio, de suas consequências, de seus valores e de sua importância para a vida monástica.

Quatro são as principais escolas do Budismo tibetano, cada uma com uma configuração e peculiaridades próprias, com textos e lideranças próprios. A mais antiga, a Nyingma, a de Sua Santidade o Dalai Lama, Gelug, e as outras duas, Kagyü e Sakya.

Conclusão

Concluimos este trabalho pensando nas perspectivas do desenvolvimento do Budismo pelo mundo. Depois de ter deixado a Índia por razões políticas e históricas e ter alcançado inúmeras fronteiras em praticamente todos os lugares, as atuais pesquisas sobre o Budismo nos levam a perceber novos horizontes. No Ocidente, o Budismo cresceu espantosamente e os mais variados mestres budistas encontraram nas línguas ocidentais um forte veículo de transmissão das mensagens do Buddha. Nas Américas e na Europa, os centros budistas já alcançam uma infinita e larga margem - livros de temas budistas são publicados e traduzidos em praticamente todas as línguas modernas.

No Brasil, a realidade não difere muito, pois desde a imigração japonesa em 1908 nosso país vem recebendo mestres das mais variadas tradições e inúmeros brasileiros já foram ordenados monges, se tornaram lamas e praticam ou pesquisam temas e pensadores budistas. Nossa interrogação, que aqui não poderemos adentrar, é a

⁴⁵ Viajantes do céu: encarnações da sabedoria desperta que protege o Dharma e os praticantes.

perspectiva da existência ou não de um Budismo brasileiro. Uma coisa já é certa, o Budismo conseguiu serenamente fincar raízes na terra brasileira.

Referências Bibliográficas

BAUER, Wolfgang. *Historia de la filosofia china*. Barcelona: Herder, 2009.

CHENG, Anne. *História do pensamento chinês*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CONZE, Edward (Ed.) *Buddhist Scriptures*. London: Peguin, 1968.

_____. *Budismo. Sua essência e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973

Dhammapada. Trad. Nissim Cohen. São Paulo: Palas Athena, 2004.

DUDKA, Nick; LUETJOHANN, Sylvia. *A Prática da meditação tibetana. Imagens que estimulam a compaixão, a descoberta e a sabedoria*. São Paulo: Pensamento, 2009.

Ensinos do Buda. (Org. Nissim Cohen). São Paulo: Devir Livraria. 2008.

GOLDSTEIN, Joseph. *Dharma. O Caminho da libertação*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2004.

HANH, Thich Nhat. *A Essência dos ensinamentos do Buda*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

HUMPHREYS, Christmas. *O Zen-budismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

KHAN, Noor Inayat. *Contos Jataka*. São Paulo: Odysseus, 2003.

PADMASAMBHAVA/YESHE TSOGYAL. *A Lenda da Grande Stupa/A Vida do Guru nascido do Lótus*. São Paulo: Darma, 1997.

PERCHENRON, Maurice. *O Buda e o budismo*. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

POWERS, John. *Introduction to Tibetan Buddhism*. Ithaca: Snow Lion Publications, 1995.

RAHULA, Walpola. *O Ensino de Buda*. Lisboa: Editorial Estampa, 2005.

REDYSON, Deyve. *Schopenhauer e o Budismo*. João Pessoa: Editora Universitária/Ideia, 2012.

RHYS DAVIDS, Thomas W. *Pali-English Dictionary*. London: Pali Text Society, 1952.

SUZUKI, D. T. *Introdução ao Zen-Budismo*. São Paulo: Pensamento, 1970.

Textos budistas e Zen-Budistas. (Org. Ricardo M. Gonçalves). São Paulo: Cultrix, 1967

TULKU, Tarthang. *As três jóias: Buddha, Dharma e Sangha*. São Paulo: Editora Dhrama, 1994.

VARENNE, Jean-Michel. *O Budismo Tibetano*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

YOSHINORI, Takeushi (Org.) *A Espiritualidade Budista*. Vol. I. *Índia, sudeste asiático, Tibete e China primitiva*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____, Takeushi (Org.) *A Espiritualidade Budista*. Vol. II. *China mais recente, Coreia, Japão e mundo moderno*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Recebido: 27/02/2013

Aprovado: 19/09/2013